



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA - CAMPUS CABEDELLO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO**

**A PERCEÇÃO FOTOGRÁFICA PARA VALORIZAÇÃO
CULTURAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS E
RIBEIRINHAS DE JOÃO PESSOA**

FELIPE SILVA COUTINHO

Cabedelo – PB, Dezembro de 2022

**A PERCEÇÃO FOTOGRÁFICA PARA VALORIZAÇÃO
CULTURAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS E
RIBEIRINHAS NA GRANDE JOÃO PESSOA**

FELIPE SILVA COUTINHO

Orientador(a): Professor Dr. Ticiano Alves

Projeto apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, como requisito obrigatório da disciplina de TCC do curso superior em Design Gráfico.

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

C871p Coutinho, Felipe Silva.

A Percepção Fotográfica para Valorização Cultural das Comunidades Tradicionais e Ribeirinhas na Grande João Pessoa / Felipe Silva Coutinho – Cabedelo, 2022.

70 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior em Tecnologia em Design Gráfico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

Orientador: Prof. Dr. Ticiano Alves.

1. Fotografia. 2. Comunidades ribeirinhas. 3. Design social. I. Título.

CDU 77:316.334.56



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

FELIPE SILVA COUTINHO

A PERCEPÇÃO FOTOGRÁFICA PARA VALORIZAÇÃO CULTURAL DAS COMUNIDADES
TRADICIONAIS E RIBEIRINHAS DE JOÃO PESSOA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito
para obtenção do título de Tecnólogo(a) em Design Gráfico
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba - Campus Cabedelo.

Trabalho avaliado na sua forma final para conclusão do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do IFPB Campus Cabedelo e aprovado pela banca examinadora em 19 de Dezembro de 2022.

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ticiano Vanderlei de Siqueira Alves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Prof. Me. Vitor Feitosa Nicolau

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Prof. Me. Rafael Leite Efrem de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Documento assinado digitalmente

RAFAEL LEITE EFREM DE LIMA

Data: 07/09/2023 01:05:31-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Cabedelo/2023

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ticiano Vanderlei de Siqueira Alves, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 05/09/2023 20:24:29.
- **Vitor Feitosa Nicolau, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 05/09/2023 21:08:21.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 05/09/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 471417
Verificador: 333b8e4178
Código de Autenticação:



Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CABEDELLO / PB, CEP 58103-772
<http://ifpb.edu.br> - (83) 3248-5400

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao professor Dr. Ticiano Alves pela oportunidade de me orientar na conclusão deste trabalho, sempre disponível para tirar as dúvidas necessárias que foram abordadas.

Aos meus pais, o artista plástico Régis Soares e a minha falecida mãe, Luiza Coutinho, por terem me guiado a chegar a este momento. Agradeço por toda dedicação de ambos desde o início da minha existência.

A minha irmã, Raíssa Coutinho, pelo exemplo de profissional e educadora com os seus alunos e familiares.

A minha esposa, Suelen Andrade, pela atenção e carinho de sempre em me apoiar na conclusão deste trabalho.

Aos demais professores, colegas e amigos do curso de Design Gráfico, por todos esses anos que compartilhamos ótimos momentos na instituição. Anos esses de grande aprendizagem.

Não poderia esquecer de agradecer aos amigos parceiros das comunidades ribeirinhas de João pessoa que fortalecem este trabalho. Hugo, Roberto, Jó e aos demais que preservam e cuidam do meio ambiente. A esses a minha eterna admiração. Que continuemos nessa luta, resistindo a tudo e todos que tentam diariamente inviabilizar a sobrevivência desse povo e o seu espaço de convivência.

Por essas e outras eu falo: FORA BOLSONARO!

Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar
Do mar
um peixe bom, eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer

Suíte do Pescador - Dorival Caymmi

RESUMO

A percepção fotográfica para valorização cultural das comunidades tradicionais e ribeirinhas de João Pessoa, ilustram o cotidiano dessa população com a natureza e sua preservação, valorizando assim as vivências com o rio, mar e mangue. O recorte espacial é o Porto do Capim, Comunidade da Penha e Jacarapé. Fazemos uma breve pesquisa histórica e geográfica dos espaços comunitários analisados em questão, além de uma abordagem sobre turismo de base comunitária, aspectos técnicos e sociais da fotografia ambiental e do design social como ferramenta de transformação. A produção do conteúdo fotográfico foi executado durante o ano de 2022, sendo transformada em uma exposição virtual no Museu Marítimo EXEA (Extremo Oriental das Américas) e nas redes sociais da Apuama, projeto este que servirá para trabalho contínuo de fomentação turística através das imagens que também serão cedidas para os líderes comunitários.

Palavras-chave: Fotografia ambiental. Comunidade. Design Social. Turismo.

ABSTRACT

Photographic perception for cultural appreciation of traditional and riverside communities in João Pessoa, illustrate the daily life of this population with nature and its preservation, thus enhancing experiences with the river, sea and mangroves. The spatial cut is Porto do Capim, Community of Penha and Jacarapé. We do a brief historical and geographic research of the analyzed community spaces in question, in addition to an approach to community-based tourism, technical and social aspects of environmental photography. The production of photographic content was carried out during the year 2022, and social design as a tool for transformation, being transformed into a virtual exhibition at the EXEA (Far East of the Americas) and on Apuama's social networks, this project will serve for continuous work to promote tourism through the images that will also be given to community leaders.

Keywords: *Environmental photography. Community. Social Design. Tourism.*

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1: Vista do rio para a cidade baixa, década de 1930 | 14 |
| Figura 2: Vista do Rio Sanhauá para a cidade baixa | 14 |
| Figura 3: Acompanhamento do desembarque realizado na Praia da Penha e transporte para a Peixaria Shalon, localizada na Vila de Pescadores. | 16 |
| Figura 4 | 16 |
| Figura 5 | 18 |
| Figura 6: Cor | 25 |
| Figura 7: Enquadramento | 26 |
| Figura 8: Figura/fundo | 27 |
| Figura 9: Instagram de divulgação da Apuama | 30 |
| Figura 10: Criação de panfleto para divulgação do turismo comunitário. | 30 |
| Figura 11: Hall de Entrada do Museu Marítimo EXEA | 32 |
| Figura 12: Capa da seção Povos do Mar | 35 |
| Figura 13: Descrição da proposta "Povos do Mar" | 35 |
| Figura 14: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 37 |
| Figura 15: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 37 |
| Figura 16: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim | 38 |
| Figura 17: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim – Espiral de Fibonacci. | 39 |
| Figura 18: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 41 |
| Figura 19: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 41 |
| Figura 20: - Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022 | 42 |
| Figura 21: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022. | 43 |
| Figura 22: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022. | 44 |
| Figura 23: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022. | 44 |
| Figura 24: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022. | 45 |
| Figura 25: Print da configuração dos breakpoints | 47 |
| Figura 26: Sessão Introdutória da Exposição. | 48 |
| Figura 27: Parte da Sessão I da Exposição. | 49 |
| Figura 28: Parte da Sessão II da Exposição. | 50 |
| Figura 29: Parte da Sessão III da Exposição. | 51 |
| Figura 30: Tela cheia para visualização de cada fotografia. | 52 |
| Figura 31: Menu visual para facilitar a navegação. | 52 |
| Figura 32: Exemplo de imagem intercalada com texto de no máximo 290 caracteres sem contar os espaços. | 52 |
| Figura 33: Exemplo de adequação dos elementos ao display Mobile. | 53 |
| Figura 34: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 58 |
| Figura 35: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim | 58 |
| Figura 36: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 59 |
| Figura 37: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim | 59 |
| Figura 38: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 60 |
| Figura 39: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 60 |
| Figura 40: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 61 |
| Figura 41: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 61 |
| Figura 42: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 62 |
| Figura 43: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim. | 62 |
| Figura 44: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 63 |

| | |
|---|----|
| Figura 45: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 63 |
| Figura 46: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 64 |
| Figura 47: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 64 |
| Figura 48: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 65 |
| Figura 49: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 65 |
| Figura 50: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 66 |
| Figura 51: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022. | 66 |
| Figura 52: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 67 |
| Figura 53: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 67 |
| Figura 54: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 68 |
| Figura 55: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 68 |
| Figura 56: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 69 |
| Figura 57: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 69 |
| Figura 58: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 70 |
| Figura 59: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 70 |
| Figura 60: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 71 |
| Figura 61: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022..... | 71 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. LOCALIDADES ABORDADAS | 12 |
| 2.1 LITORAL PARAIBANO – COMUNIDADES PESQUEIRAS..... | 12 |
| 2.2. PORTO DO CAPIM..... | 13 |
| 2.2.2. O PORTO DO CAPIM E SUA COMPOSIÇÃO HISTÓRICA..... | 13 |
| 2.3. COMUNIDADE DA PENHA E SUA FORMAÇÃO | 15 |
| 2.4. PARQUE JACARAPÉ..... | 17 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO | 19 |
| 3.1 DESIGN SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO..... | 19 |
| 3.2. FOTOGRAFIA AMBIENTAL E SUAS PERCEPÇÕES SOCIAIS..... | 21 |
| 3.3. ELEMENTOS BÁSICOS DO DESIGN | 24 |
| 3.3.1 Cor | 24 |
| 3.3.2. Enquadramento:..... | 25 |
| 3.3.3. Figura/fundo: | 26 |
| 3.4. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA | 27 |
| 3.5. APUAMA | 29 |
| 3.6. MUSEU MARÍTIMO EXEA..... | 31 |
| 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 33 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 36 |
| 5.1. PORTO DO CAPIM..... | 36 |
| 5.2. PRAIA DA PENHA | 40 |
| 5.3. JACARAPÉ..... | 43 |
| 5.4. A EXPOSIÇÃO..... | 46 |
| 6. CONCLUSÃO | 54 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 55 |
| 8. Apêndices I – Porto do Capim | 58 |
| Apêndices II – Penha..... | 63 |
| Apêndices III – Jacarapé..... | 67 |

1. INTRODUÇÃO

O trabalho foi desenvolvido com intuito de visibilizar as comunidades tradicionais e ribeirinhas como pertencente ao espaço local de convivência, observando as suas relações como rio, mar e mangue, com finalidade de produzir fotografias ambientais que divulguem a inclusão de seus afazeres com o turismo comunitário de base. Selecionamos três regiões da cidade de João Pessoa, Paraíba, sendo: Porto do Capim, Praia da Penha e Praia de Jacarapé. Observamos que existe em comum a tentativa do poder público em remover as comunidades, com o objetivo de revitalizar as regiões, favorecendo o setor privado.

Partindo dessa problemática, este trabalho busca utilizar a fotografia como meio de potencializar as comunidades oprimidas pelo setor público em favor das empresas privadas, mostrando a importância das mesmas para o meio ambiente. O objetivo geral deste trabalho é: Apreciar e compreender a vivência das comunidades tradicionais e ribeirinhas no seu contato com a natureza em João Pessoa. E os objetivos específicos são: 1- Identificar regiões tradicionais e ribeirinhas de João Pessoa para fomentar as mesmas; 2- Caracterizar as relações da população local com o rio ou o mar; 3- Valorizar a comunidade tradicional e ribeirinha como pertencente ao espaço local de convivência; 4- Defender as comunidades tradicionais e ribeirinhas para se perpetuar na defesa de sua cultura; 5- Produzir conteúdo fotográfico para divulgar os trabalhos das comunidades tradicionais e ribeirinhas.

A perspectiva de uma fotografia ambiental e das práticas sustentáveis, nos exige organização para que possamos difundir trabalhos realizados de preservação nos centros urbanos. É verdade que com apoio coletivo e divulgação desses registros, destacamos a importância dos ribeirinhos, valorizando a vivência.

Dentro desse pressuposto, se faz necessário entender a existência dos ribeirinhos para a preservação do meio ambiente e as suas ligações com o turismo local. A paisagem é algo dinâmico que se torna fruto de tempos econômicos distintos, relações sociais com seu espaço, com o cotidiano e as dinâmicas comerciais. Segundo Araújo (2006), até a metade do século XX, o

Porto do Capim servia como embarque e desembarque de produtos comerciais. Com o fim do Porto Comercial no Centro da Cidade de João Pessoa, a partir dos anos 50, o local foi ocupado pelos mais pobres, passando a ser esquecido pelo poder público. Assim como a comunidade Porto do Capim, as regiões da Penha e Jacarapé são áreas ocupadas por ribeirinhos que vivem da pesca. Fortalecer a economia local é crucial para dar visibilidade aos espaços de vivência que por hora são marginalizados.

Iniciamos este trabalho no capítulo 2 com um breve levantamento histórico e geográfico das três regiões pesquisadas (Porto do Capim, Penha e Jacarapé), traçando elementos que fortalecem as comunidades dentro do seu espaço de vivência e resistência. Logo em seguida, no capítulo 3, o presente trabalho também desenvolve estudos voltados para fotografia ambiental, turismo de base comunitária, design social, elementos básicos do design, além de uma abordagem sobre o projeto Apuama¹ e o Museu Marítimo EXEA. Com o Design Social e a Fotografia Ambiental como principais vertentes, faço uma abordagem de como ferramentas do Design Gráfico, pode nos auxiliar nesse processo de contribuição com as comunidades.

Como justificativa para elaboração deste trabalho, o interesse surge na construção de um projeto vinculado a disciplina de Planejamento Visual 4, no ano de 2019, no curso de Design Gráfico do IFPB – Campus Cabedelo, com o qual foi criado e desenvolvido a Apuama. O interesse pela fotografia ambiental, surge ainda, na graduação do curso de Artes Visuais, realizado entre os anos de 2009 à 2013, cuja os primeiros contatos com a fotografia amadora desperta o interesse em registrar momentos do cotidiano.

No que diz respeito a execução das fotografias para exibição no museu Marítimo EXEA, abordo no capítulo 4 o processo da seleção das mesmas e como foi definido para inclusão na exposição.

As fotografias escolhidas foram analisadas de acordo com o livro “Novos Fundamentos do Design” das autoras Lupton e Phillips e “Psicologia das cores” da Eva Heller. As análises buscam fazer relação com os ambientes abordados,

¹ Apuama é um projeto pessoal desenvolvido pelo autor do texto que será explicitado ao longo deste trabalho.

com o intuito de entender a ligação entre a natureza e o homem e o que temática desencadeou na formação do senso crítico voltado para o design social e a fotografia ambiental.

2. LOCALIDADES ABORDADAS

2.1 LITORAL PARAIBANO – COMUNIDADES PESQUEIRAS

O litoral do estado da Paraíba possui uma extensão de 138 km e apresenta uma paisagem diversificada, variando de zonas de tabuleiro a falésias, dunas, planícies costeiras, cordões litorâneos, estuários, manguezais, praias, restingas e remanescentes de mata atlântica (SUDEMA, 1996). É constituído por nove municípios que incluem 36 comunidades pesqueiras, abrangendo 2.640 km² e uma população de 721.358 habitantes (SUDEMA, 1996; IBGE, 2006). As 36 comunidades pesqueiras que ocorrem ao longo do estado operam de forma artesanal, explorando os 1.140 km² da plataforma continental (IBAMA, 2006). A porção sul da costa paraibana inclui as áreas mais urbanizadas do estado e as comunidades pesqueiras situadas nessas áreas sofrem grandes influências da comercialização e exploração imobiliária (SUDEMA, 1996). Devido à demanda, esta região produz os maiores rendimentos da pesca artesanal para o estado (IBAMA, 2006)

Os problemas ambientais encontrados na zona costeira da Paraíba ocorrem por ações antropogênicas como a intensificação do turismo de massa, o crescimento das atividades pesqueira, agropecuária, de extração mineral e industrial e o loteamento de zonas costeiras para a expansão de áreas urbanas. (SUDEMA, 1996).

João Pessoa, a capital da Paraíba, é umas dessas regiões onde a expansão de área urbana é mais intensa na região. Situada ao norte com o município de Cabedelo, ao sul com o município do Conde, a oeste com Bayeux e Santa Rita e ao leste banhado pelo Oceano Atlântico, onde encontramos a Ponta do Seixas, região essa que se localiza o ponto mais oriental das américas. Com sua localização privilegiada, João Pessoa é banhada por vários rios, mangues e o

mar. Sendo assim, propícia para instalação de comunidades ribeirinhas e pesqueiras.

2.2. PORTO DO CAPIM

Para um melhor entendimento de onde fica localizada a comunidade do Porto do Capim e relacionarmos com o cotidiano do seu povo com o meio ambiente, trouxemos uma breve pesquisa do contexto histórico desses ribeirinhos. Tais habitantes residem geograficamente no bairro do Varadouro em João Pessoa, na região do estuário do Rio Paraíba do Norte, região esta que se expande para além da cidade de João Pessoa, chegando aos municípios de Bayeux, Cabedelo, Lucena e Santa Rita, todos no Estado da Paraíba.

A comunidade do Porto do Capim tem uma relação próxima com a natureza. A sua localização as margens do rio Paraíba do Norte, nos faz identificar uma grande diversidade de elementos tradicionais, como: pescadores, marisqueiras, catadores de crustáceos, confecção de canoas e redes, terreiro de Umbanda (religião tradicional das matrizes africanas que se conectam diretamente com a natureza). Esses e outros elementos, fazem do Porto do Capim uma região dotada de vários saberes.

2.2.2. O PORTO DO CAPIM E SUA COMPOSIÇÃO HISTÓRICA

A localidade do Porto do Capim foi onde se estabeleceu o primeiro porto da cidade de João Pessoa, que funcionava as margens do Rio Sanhauá. Devido a sua importância histórica para o Estado da Paraíba, hoje o local pertence ao sítio histórico da cidade. Pelas redondezas foram instaladas as primeiras igrejas, fundações, edificações da então cidade chamada Nossa Senhora das Neves, fundada em 05 de Agosto de 1585. No porto era escoada toda a produção agrícola da capitania e, por ela, eram abastecido o pequeno núcleo urbano da cidade e seus comerciantes com produtos oriundos da Europa. (SILVA, 2014)

A área do Porto do Capim tem como vegetação predominante o manguezal, que em um determinado momento, remetendo ao período até início do século XX, com uma maior movimentação portuária, a vegetação se encontrava suprimida. Hoje, podemos observar nas imagens expostas neste trabalho que o mangue

voltou a crescer logo depois que a comunidade se instalou na região, na parte do rio que foi aterrado, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 1: Vista do rio para a cidade baixa, década de 1930



Fonte: Fotografia extraída da Página do movimento “Porto do Capim em ação” no Facebook

Figura 2: Vista do Rio Sanhauá para a cidade baixa



Ano 2022, Felipe Coutinho

Segundo Silva (2014), o abandono do porto pelo poder público e alguns empresários da época, iniciado no meio do século XX, foi movido pela expansão da cidade para o litoral e a construção de um novo porto na cidade de Cabedelo, ainda na década de 1930. Esse processo em João Pessoa se dá de uma forma diferente de outras áreas urbanas do litoral brasileiro: pela cidade ter nascido as margens do Rio Sanhauá, em sua parte central, hoje denominada Centro Histórico, onde se localiza o Porto do Capim, a capital paraibana tem o processo de povoamento acontecendo de forma invertida. Ela inicia do centro da cidade para o litoral. Mas até hoje, o Porto do Capim é uma área de grandes disputas e conflitos econômicos e socioculturais. Podemos confirmar pela notícia do G1 Paraíba com o título “Mulheres lideram resistência no Porto do Capim, em João Pessoa: Ribeirinhos não querem uma gaiola. Escrito por Luana Almeida²

Investigar a memória da cidade, visitar paisagens em evolução e valorizar as comunidades tradicionais e ribeirinhas é um trabalho prazeroso e de bem público. Diante disso, podemos observar a relação dos ribeirinhos com a natureza e fomentação do turismo local.

2.3. COMUNIDADE DA PENHA E SUA FORMAÇÃO

Limitada ao leste com o Oceano Atlântico, ao norte com o bairro de Seixas e Cabo Branco e ao Sul com a praia de Jacarapé, a praia da Penha sofreu impactos a partir da década de 1970, por grande influência do processo de urbanização da cidade de João Pessoa em direção ao litoral pela Avenida Epitácio Pessoa. Próximo ao ponto mais oriental das Américas (Ponta do Seixas), a praia da Penha é um grande atrativo turístico devido as suas riquezas socioculturais, as belezas naturais e a sua importância histórica. A presença do santuário de Nossa Senhora da Penha, construída em 1763, como podemos observar no registro fotográfico, a instalação das comunidades de pescadores e

² (<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/07/mulheres-lideram-resistencia-no-porto-do-capim-em-joao-pessoa-ribeirinhos-nao-querem-uma-gaiola.ghtml>)

a relação dessa população com a natureza e economia, permite-nos essa conexão do homem com o meio ambiente.

Figura 3: Acompanhamento do desembarque realizado na Praia da Penha e transporte para a Peixaria Shalon, localizada na Vila de Pescadores.

A) Observa-se os peixes acondicionados em sacos sendo retirados do veículo. B) Demonstração do transporte de espécies maiores.



Ano 2000, Carmem Pedro.

Figura 4



Ano 2015, Wilson Houck Jr.

Como explana Coutinho (2004), o bairro da Penha, no litoral sul de João Pessoa, que foi loteado na década de 1970, guarda em suas características o processo dessa urbanização. Com aspecto residencial, a população nativa tem relação com a cultura indígena e negra, que viviam e ainda vivem da pesca, caça, lavoura de subsistência e confeccionam seus artesanatos. Além de uma cultura particular com suas danças, credos e crenças.

A zona costeira é um ambiente extremamente dinâmico que nos mostra características naturais e ocupações singulares de grande relevância social. A praia da Penha abriga um ecossistema riquíssimo de corais de recife, habitat para várias espécies animais e vegetais. Como podemos observar no texto jornalístico feito pelo G1 (Globo) em 2017:

O mar da Penha também guarda piscinas naturais a 500 metros da margem, que já foram cenário para o quadro “Tô de Folga” do Jornal Hoje. As “ilhas” servem de santuário para diversas espécies de animais marinhos e guarda paisagens que impressionam, dentro das águas mornas da Paraíba³.

Esses corais servem como suporte para pescadores e espaços de lazer para turistas. Além disso, o ambiente urbano sempre foi de muito conflito, as relações de ocupação da orla marítima, geram prejuízos ambientais e impacta diretamente a sociabilização dos ribeirinhos.

Podemos encontrar algumas atividades voltadas para a preservação dessa área. Os moradores ribeirinhos e pescadores que trabalham com o turismo local, buscam conexão com a natureza de forma sustentável. Passeios de barcos, canoas e caiaques são comumente realizados em dias de maré baixa.

2.4. PARQUE JACARAPÉ

Localizada no Litoral sul do município de João Pessoa, entre o Rio Cabelo e Cuiá, limita-se ao oeste com o bairro da Costa do Sol, ao norte com a praia da

³<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/praias-de-joao-pessoa-tem-rota-alternativa-com-ilhas-piscinas-naturais-e-por-do-sol.ghtml>

Penha e ao sul com a praia do Sol. Composta de mata atlântica e manguezais, hoje, a área de preservação da vegetação do bairro em questão, encontra-se em constante transformação. Dados do IBGE apontam que entre 1970 e 2019 houve uma acréscimo de 580,5 mil pessoas ao total de habitantes da capital paraibana. O aumento desenfreado da população de João Pessoa, vem modificando toda a região. Por isso se faz necessário cada vez mais a utilização do turismo sustentável para a conservação do meio ambiente. “O turismo deve ser considerado, antes de tudo, como uma prática social que produz profundas repercussões no espaço geográfico, uma vez que essa prática resulta no consumo de espaço, por meio da paisagem como recurso turístico” (CRUZ, 2003, apud BARBOSA, 2011, p. 59).

O acesso principal ao parque, onde encontraremos a praia, se dá através da rodovia Ministro Abelardo Jurema, a PB 008. Ao chegar no limite entre as praias de Jacarapé e Sol, logo após o Centro de Convenções de João Pessoa, nos deparamos com pescadores e moradores ribeirinhos que moram entre o Manguê e o mar. Nesse local, atividades turísticas em contato com o mangue, são realizados sempre em período de maré cheia.

Figura 5



Praia de Jacarapé – Foto: Secretaria de Turismo de João Pessoa

A região de mata atlântica e manguezais de Jacarapé vem sofrendo grandes impactos com o forte assédio da rede hoteleira e da construção civil. Provocando assim, a diminuição da vegetação nativa no litoral sul de João Pessoa. Segundo

reportagem do site Brasil de Fato⁴, organizações Ambientais publicam carta aberta em oposição a criação do Polo Turístico Cabo Branco que será executado na região de Mata Atlântica de Jacarapé:

Logo no início da Carta, as organizações acusam o Governo da Paraíba de planejar o desmatamento de 650 hectares de Mata Atlântica, o equivalente a 605 campos de futebol.

Os coletivos ambientalistas afirmam que a capital do estado é uma das mais verdes e biodiversificadas do Brasil e demonstram grande preocupação com os danos ambientais irreversíveis decorrente da devastação do ecossistema na construção do Polo Turístico Cabo Branco.

A região é a maior área verde urbana da Paraíba e uma das maiores do Nordeste, abrigando uma das poucas áreas restantes da Mata Atlântica do estado, o bioma mais ameaçado de extinção do Brasil, segundo dados do IBGE¹. Hoje, em nosso estado, por exemplo, só restam 5% da sua área primitiva. (BRASIL DE FATO, 2021).

Hoje, a população local de Jacarapé que é formada por 95 famílias, sendo 47 vivendo a beira mar, muitos pescadores artesanais e outras pessoas que não são pescadores, porém têm suas ancestralidades culturais da pesca, com seus avós, pais, entre outros. Tentam resistir ao avanço urbano da cidade, o assédio do poder público em tentar removê-los e a degradação do meio ambiente.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 DESIGN SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO

Falar sobre Design Social, é refletir sobre o valor que o profissional da área gráfica terá como combustível para a transformação social. Tendo um olhar diferenciado de enxergar o mundo e encontrar outras formas dentro do design para se comunicar com determinado público.

⁴<<https://www.brasildefatopb.com.br/2021/04/28/orgs-ambientais-publicam-carta-aberta-em-oposicao-ao-polo-turistico-cabo-branco>> Acesso em: 14 Jul. 2022.

Segundo OLIVEIRA, M. V. M.; CURTIS, M. C. G. (2018), a teoria sobre design voltado para o mercado foi objeto de diversos estudos ao longo dos anos e, conseqüentemente, foi bem desenvolvida, enquanto pouco se pensou sobre “as estruturas, métodos e objetivos do design social”. OLIVEIRA, M. V. M.; CURTIS, M. C. G. (2018) já havia citado para a impossibilidade de contemplar a prática profissional do designer fora da cultura do consumo. Para Pazmino (2007, p. 3), o design social implica na atuação em áreas que usualmente não tem a presença de designers nem são do interesse da indústria. E, a partir da atuação do designer, resultam em melhoria da qualidade de vida, renda e inclusão social.

Em seu artigo sobre o engajamento político-social por meio do design gráfico, Flávia Neves (2011, p. 49) assegura que “o designer deve ter a responsabilidade moral, social e profissional de se fazer ouvir como cidadão e trabalhar para que seus projetos sirvam à sociedade”. Os designers, então, deveriam se envolver mais com projetos de inovação social, e não apenas naqueles com apelo econômico (BJÖGVINSSON, EHN E HILLGREN, 2012). Para Rafael Cardoso (2013, p. 23), além da necessidade de que os designers se voltem aos projetos de impacto social, é preciso também que estes se libertem da concepção do designer como um trabalhador individual, em prol de projetos com uma equipe multidisciplinar que, geralmente, resultam em melhores soluções. Pazmino (2007, p. 5) segue uma linha de pensamento similar, alegando que o design voltado à sociedade “consiste em desenvolver produtos que atendam às necessidades reais específicas de cidadãos menos favorecidos, social, cultural e economicamente”.

Concluindo o que afirma Joaquim Redig sobre o termo design social, citado anteriormente, Braga (2011, p. 21) sustenta que o design “sempre foi produto de aspirações sociais de diferentes intenções”, sendo compreendido então como “social” dado o fato de que o projeto é sempre para outros, motivado por estas aspirações e tendo então “uma aplicação social” em todos os seus campos de trabalho. No entanto, o autor diferencia entre uma aplicação “comercial” e outra “social” do design considerando as intenções e o grau de envolvimento do designer.

Andrew Shea (2012), ao escrever o livro *Design for Social Change*, sugere pontos efetivos para um projeto de design social. São expostas diversas

estratégias de engajamento, dentre as quais podemos citar o mergulho no contexto da comunidade para a qual se está projetando, a garantia de uma relação de confiança com a mesma, a atitude de se prometer apenas o que pode ser cumprido para não criar expectativas fora da realidade, a priorização do processo através de uma pesquisa extensiva e colaborativa, a identificação dos recursos locais e das forças da comunidade que podem ser aproveitados, a utilização de uma linguagem e estilo inspirados na comunidade para que a solução final dê voz à mesma, e, por fim, tornar os ribeirinhos protagonistas do projeto, habilitando-os com os instrumentos e conhecimentos necessários para que tenham papel ativo na construção dos seus espaços de convivência.

3.2. FOTOGRAFIA AMBIENTAL E SUAS PERCEPÇÕES SOCIAIS

A fotografia tem uma tarefa importante em nossas vidas e vai muito além do que guardar recordações. Registrar momentos históricos, representar nossa identidade, memorizar, preservar e relembrar vivências marcantes, faz da ação fotográfica um ato de transformação. Como menciona Moreira Junior (2002):

Uma imagem não retrata apenas aquilo que mostra, mas também todo um contexto histórico. E o processo de interpretação acontece de maneira subjetiva, ou seja, cada pessoa interpreta uma imagem a partir dos seus próprios conceitos e ideologias. A fotografia por ser algo não exato pode ser interpretada por códigos culturais e vieses ideológicos distintos.

Utilizar a fotografia como ação de fortalecimento cultural e reinterpretar o que ocorre no contexto social, se faz necessário em uma sociedade atual de modelo capitalista que visa o lucro desenfreado sem o mínimo de responsabilidade com o meio ambiente.

A mensagem fotográfica é transmitida a partir dos interesses de quem divulga as imagens. Segundo Moreira Junior: Com base nesse pressuposto se faz necessário definir quem é o emissor da mensagem e em qual contexto ele se encontra inserido. E ainda em qual canal a imagem será transmitida. Interligar o

que pensamos com o contexto social, corrobora com a formação de signos, que irão remeter a algo ou alguém.

A fotografia é uma consequência de nossa obsessão por um realismo (Baudelaire, 1980), que transforma elementos tridimensionais em bidimensionais. Portanto, a relação entre o registro fotográfico com a realidade é resultado da nossa leitura de mundo.

Segundo BITTENCOURT, 1994:

Se a fotografia está embebida em subjetividade no que diz respeito à interpretação das imagens, não podemos negar que a subjetividade está presente também no processo de criação da imagem. Ao apontar sua câmera para o tema da imagem, o fotógrafo seleciona fragmentos de realidade. Nesse processo de seleção, há uma escolha que passa necessariamente pela forma como o fotógrafo interpreta a realidade, existindo uma participação ativa do sujeito produtor da imagem. Ao mesmo tempo, a fotografia mantém seu compromisso com o real e a evidência dos fatos. A essência da fotografia consiste no seu compromisso com o real. Porque a subjetividade do fotógrafo não consegue ultrapassar a capacidade da câmera em capturar formas tangíveis, e porque a subjetividade do espectador em atribuir significados à imagem não é completamente cega, toda fotografia está impressa com uma essência de realidade.

As imagens compõem um universo de experiências em constante transformação. Mais do que representar fatos reais, a imagem coloca conexões entre contextos sociais e culturais que endireitam uma narrativa visual. O processo fotográfico cria situações que possibilitam outros sentidos sociais. Nessa definição, BITTENCOURT, 1994 retrata que: “a fotografia toma-se o meio pelo qual o encontro humano, que forma a base da etnografia, é destacado e posicionado em uma moldura de significados”. Contextualizar experiências vividas, fornecem elementos visuais que elevam um mundo de sentidos que podem ser recriados.

A percepção ambiental constitui um caminho para o entendimento da relação homem-natureza para provocar a compreensão do comportamento dos indivíduos diante da realidade, esse comportamento é influenciado pela interpretação que eles fazem do ambiente (SILVA, 2013). De acordo com Freitas e Maia (2009), a percepção ambiental pode ser uma tomada de consciência do

ambiente pelo homem, ou seja, o ato de entender o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e cuidar do mesmo.

Na atualidade, nós observamos que em decorrência das necessidades humanas o meio ambiente da cidade de João Pessoa está sendo cada vez mais degradado. O modelo de desenvolvimento econômico atual tem como propósito a busca pelos bens materiais. Assim é preciso que o ser humano reveja as suas ações perante o meio ambiente, e uma forma de sensibilizar o indivíduo e demonstrando que ele é pertencente ao meio ambiente (TEIXEIRA, 2016). Podemos observar no texto jornalístico do Jornal da união do Estado da Paraíba, escrito por Alexandra Tavares⁵, 2022, o quão os principais rios estão passando por uma deterioração intensa e o nível de poluição em situação crítica: “os rios situados próximos ao centro da cidade, onde há maior densidade populacional, sofrem mais fortemente ações de degradação, como desmatamento da mata ciliar, deposição de resíduos sólidos e lançamento de esgotos residenciais”.

Um estudo recente evidenciou que a fotografia como ferramenta para percepção ambiental é uma instrumento importante para trazer elementos para direcionamento do método de construção coletiva do conhecimento, deixando o acesso a novos conceitos e a identificação de possíveis espaços de problematização e intervenção (ECKERT, VICTOR, COELHO, 2016). Nesse estudo, nós relatamos que o uso do registro fotográfico aliada as comunidades tradicionais ribeirinhas que envolva conteúdos relacionados à biologia, Educação Ambiental e ao turismo comunitário de base pode constituir um caminho para o desenvolvimento de atividades interessantes que fomentem a percepção ambiental e as suas relações sociais.

⁵ https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/principais-rios-urbanos-da-capital-estao-poluidos-e-em-situacao-critica

3.3. ELEMENTOS BÁSICOS DO DESIGN

O design gráfico é a arte de acordar imagens, textos e ideias para criar trabalhos que fisquem a atenção do espectador para comunicar uma mensagem específica.

Ellen Lupton e Jennifer Phillips, em 'Novos fundamentos do design', descrevem cada elemento e seus aspectos significativos. Três desses elementos indispensáveis na fotografia que selecionei, são: Cor, enquadramento e figura/fundo, fundamentais para criação ou análise de projetos de design.

3.3.1 Cor:

A cor tem total ligação com os olhos, com a retina e com a informação presente no cérebro. É a impressão produzida na retina do olho pela luz depois desta ser emitida, difundida ou refletida pelos objetos. Por isso, dizemos que os objetos não têm cor, pois a cor corresponde a uma sensação interna que é provocada por estímulos físicos da natureza.

A cor pode exprimir uma atmosfera, descrever uma realidade ou codificar uma informação. Palavras como "sombrio"; "pardo" e "brilhante" trazem à mente um clima de cores e uma paleta de relações. Os designers usam a cor para fazer com que algumas coisas se destaquem (sinais de advertência, por exemplo) e outras desapareçam (camuflagem). A cor serve para diferenciar e conectar, ressaltar e esconder. (LUPTON e PHILLIPS, 2008, P. 70)

A cor é algo essencial para qualquer construção fotográfica, sendo assim, uma das primeiras ações a ser pensada dentro de um projeto gráfico. Entender a cultura da região a ser abordada, é fundamental para um bom andamento do projeto.

Figura 6: Cor



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/372250725463572702/> Acesso em: 09 de Fevereiro de 2023

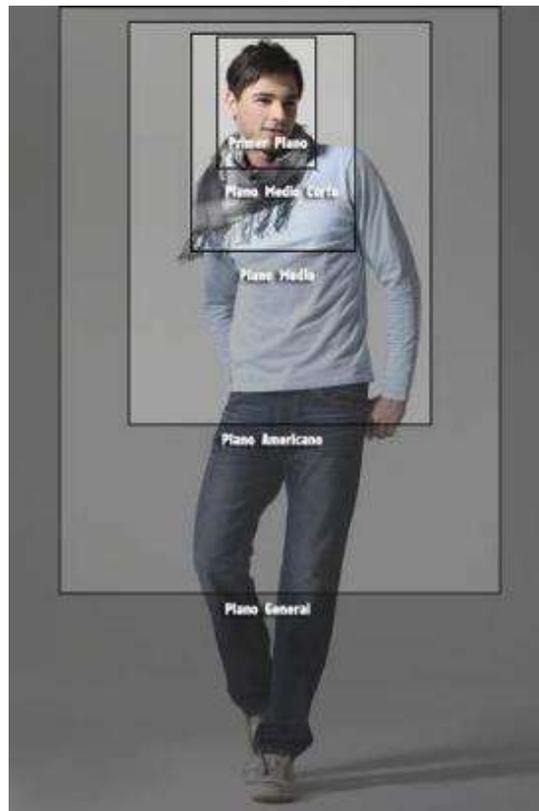
3.3.2. Enquadramento:

A ato de enquadrar, portanto, envolve o limite de uma cena pelas lentes da câmera. O resultado desse método é conhecido como enquadramento. Mas antes do enquadramento, é comum fazermos a composição da imagem: o agrupamento e a combinação dos elementos que serão fotografados. O objetivo é que o resultado seja equilibrado e harmonioso.

O enquadramento cria as condições para compreender uma imagem ou um objeto. O filósofo Jacques Derrida definiu o enquadramento como sendo uma estrutura ao mesmo tempo presente e ausente.' O quadro é subserviente ao conteúdo que ele envolve, desaparecendo à medida que nos concentramos na imagem ou objeto observado, apesar de ele moldar nossa compreensão desse conteúdo. O enquadramento faz parte da arquitetura fundamental do design gráfico. Na verdade, ele é um dos atos mais persistentes, inevitáveis e infinitamente variáveis efetuados pelo designer. (LUPTON e PHILLIPS, 2008, P. 100)

A câmera fotográfica delimita a imagem. Cada vez que tiramos uma foto, fazemos um recorte, dando o seu devido fechamento. Focamos o tempo todo em diversos estímulos que o ambiente possa nos proporcionar.

Figura 7: Enquadramento



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/790733647056149887/> Acesso em: 09 de Fevereiro de 2023

3.3.3. Figura/fundo:

“figura” é o objeto principal, que dentro do nosso olhar se tornou aquilo que se tem destaque. “Fundo” é o restante das coisas que não se destacam, que ficam em segundo plano.

Relações de figura /fundo definem a percepção visual. Uma figura (forma) é sempre vista em relação ao que a rodeia (fundo)- as letras e a página, um edifício e seu terreno, uma escultura e o espaço dentro dela e em torno dela, o assunto de uma foto e o ambiente à sua volta, e assim por diante. Uma forma preta num

campo preto não é visível, pois sem separação e contraste, a forma desaparece. (LUPTON e PHILLIPS, 2008, P. 83)

Figura 8: Figura/fundo



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/39195459248954995/> Acesso em: 09 de Fevereiro de 2023

3.4. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Encontrar iniciativas no campo do Design Gráfico relacionado com o turismo de base comunitária que priorizem as necessidades do local e as pessoas que residem no espaço de vivência, é extremamente raro. Basta um simples análise para verificarmos que o foco são as empresas e o desejo dos turistas. Diretamente interligado a isso, vemos cada vez mais resorts, hotéis de grandes redes, empreendimentos imobiliários prejudicando o meio ambiente. As atividades turísticas rodando dentro das grandes corporações, padronizando produtos e serviços.

Segundo FABRINO, 2013:

não existe consenso no que diz respeito ao conceito do turismo comunitário pelo Ministério do Turismo. No entanto, o Ministério traça como princípios comuns: a autogestão; o associativismo e cooperativismo; a democratização de oportunidades e benefícios; a centralidade da colaboração, parceria e participação; valorização da cultura local e, principalmente, o protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos.

Enquanto isso, ERVING, 2009:

por sua vez, defende que o desenvolvimento do turismo comunitário só poderá ocorrer se os protagonistas dos destinos forem sujeitos e não objetos do processo. Na tentativa de se delinear uma conceituação para o turismo comunitário, a autora apresenta algumas premissas que emergem como elementos centrais desta atividade: (i) Base endógena da iniciativa e desenvolvimento local. O turismo comunitário resulta de uma demanda direta dos grupos sociais que residem no lugar turístico e que estabelecem com este território uma relação cotidiana de dependência material e simbólica. O protagonismo social - resultante do sentimento de pertencimento e do poder de influência sobre o processo de decisão - assume uma condição essencial para este tipo de turismo. (ii) Participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos. Quanto maior o envolvimento local e as estratégias de participação social no planejamento e implementação dos projetos, mais evidentes são os níveis de protagonismo social e a sustentabilidade das iniciativas. (iii) Escala limitada e impactos sociais e ambientais controlados. Parte-se da premissa que o turismo comunitário se desenvolva em escala limitada, definida a partir dos recursos locais. O processo de planejamento deve assegurar a "qualidade" ambiental e social do destino. (iv) Geração de benefícios diretos à população local. Tais iniciativas devem assegurar que os recursos advindos do turismo sejam reaplicados em projetos de melhoria de qualidade de vida da própria população. (v) Afirmação cultural e interculturalidade. A valorização da cultura assume importância não como a configuração de um "produto", mas com o objetivo de afirmação de identidade e pertencimento. O intercâmbio de "quem está" e "quem vem" propicia a relação local-global e a prática da interculturalidade. (vi) O "encontro" como condição essencial. O "encontro" entre identidades assume o sentido de compartilhamento e aprendizagem mútua. Neste sentido, atores locais e turistas são, simultaneamente, agentes, sujeitos e objetos do processo, estabelecendo uma relação de troca, interação, descoberta e retroalimentação.

Com intuito de fortalecer o turismo de base comunitária, onde a comunidade é protagonista nas ações, é levado em consideração a sustentabilidade social e ambiental das atividades. Alguns dos princípios desse modo de fazer turismo é conservar a biodiversidade, valorizar a composição histórico-cultural das comunidades, manter equidade social e estímulo a reflexão.

3.5. APUAMA

O projeto Apuama foi criado e desenvolvido durante o curso tecnológico de Design Gráfico na disciplina de Planejamento Visual IV no ano de 2019 com intuito de valorizar e divulgar por meio de fotografias o trabalho turístico e a vivência das comunidades tradicionais e ribeirinhas de João pessoa. Com a construção da identidade visual da Apuama, a página no instagram foi criada em Janeiro de 2020, como consta a data na primeira postagem no link @apuama_ecocultura para divulgação dos registros fotográficos e promoção dos passeios guiados pelos líderes comunitários.

O envolvimento constante com as comunidades se faz necessário para construção de uma colaboração mútua. Através de melhorias para divulgação dos passeios, ações realizadas para limpeza das praias, mangues e rios, entrega de cartões de visita e ações de panfletagem em estabelecimentos parceiros do Turismo de Base Comunitária são algumas das ações realizadas pela Apuama com as comunidades ribeirinhas com intuito de fortalecer e divulgar o trabalho das mesmas.

Figura 9: Instagram de divulgação da Apuama



(@apuama_ecocultura)

Figura 10: Criação de panfleto para divulgação do turismo comunitário.



Nesse processo de divulgação das fotografias e a relação dos ribeirinhos com o rio, o mangue e o mar, tivemos a oportunidade de conhecer o Museu Marítimo EXEA no ano de 2022 através do professor Dr. Ticiano Alves. A proposta do museu casou perfeitamente com os registros realizados pela Apuama com as comunidades abordadas nesse trabalho. Diante disso, selecionamos fotografias dos passeios que foram realizados no ano de 2022 para serem expostas no museu de forma permanente.

3.6. MUSEU MARÍTIMO EXEA

O Museu Marítimo EXEA foi lançado em Março de 2021, sendo uma instituição permanente sem fins lucrativos, que trabalha 24h com o intuito de investigar, promover, conservar e comunicar exposições de patrimônios materiais e imateriais que relacione o ser humano com o Oceano Atlântico, tendo como propósito o estudo, a educação e o deleite:

O Museu Marítimo EXEA trabalha com o patrimônio nascido da interação do ser humano com o Oceano Atlântico, expressa de forma material - embarcações, moradias adaptadas, bem como vestígios de uma cultura material peculiar, produto dessa relação, e também de forma imaterial – endemia da linguagem, estilo de vida especializado, métodos de navegação, divisão do trabalho, superstições, músicas, danças, entre tantos outros. Em outras palavras, o nosso foco são os povos do mar. Museu EXEA (2022)

Figura 11: Hall de Entrada do Museu Marítimo EXEA



Considerando a proposta do Museu em promover as relações humanas com o Atlântico, percebemos que o trabalho fotográfico realizado com os ribeirinhos, abordando suas vivências e ações realizadas com o turismo de base comunitária, tem ligação direta com as expressões em preservar a vivência dessa população.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram realizadas com o método de abordagem qualitativa, sendo dividida entre levantamentos bibliográficos e o trabalho de campo com os registros fotográficos das comunidades abordadas. Segundo José Camilo dos Santos Filho (1995, p43), “a pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais e está mais preocupada com a compreensão ou interpretação do fenômeno social com base nas perspectivas dos atores por meio da participação das suas vidas”.

Realizamos ensaios fotográficos abordando a vivência das comunidades ribeirinhas, interligadas com o passeio que as mesmas promovem divulgando turismo de base comunitária de cada região. Foram escolhidos como sujeitos investigados a comunidade do Porto do Capim, Penha e Jacarapé, todas localizadas na cidade de João Pessoa na Paraíba. A ideia teve início para mostrar a relação do homem com a natureza e a importância de zelarmos por esses espaços como forma de resistência socioambiental.

Nessa aproximação com as comunidades enquanto fotógrafo, foi possível uma interação com os ribeirinhos para perceber o engajamento dos mesmos na defesa de seus espaços de convivência. Se faz importante citar, que a criação do projeto “Apuama” foi o primeiro passo que pude dá para contribuir com as comunidades.

Para Gatti (2006, p. 235) “pesquisa com uso de grupos focais além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre a mesma questão facilita, também, a compreensão de ideias partilhadas por pessoas”. Possibilitar a promoção das comunidades, abordando suas vivências, conhecimentos e ações por meio da fotografia ambiental, utilizando o design social, é uma forma colaborativa que podemos trazer de retorno permanente para os ribeirinhos com o trabalho contínuo da Apuama por meio das redes sociais.

Ainda dentro do processo de construção da metodologia, realizamos 3 ensaios fotográficos na categoria ambiental, com o objetivo de expor no Museu Marítimo Exea. Cada ensaio abordou uma comunidade. Separei um dia para registrar cerca de 30 a 50 fotografias de cada região com os seus respectivos líderes

comunitário ou guia local acompanhando o passeio. Dessa totalidade de fotos, 5 de cada região foram separadas para fazer parte da exposição no Museu Marítimo Exea. A seleção das imagens foram realizadas de acordo com o que melhor representava as emoções do momento fotográfico. Levando em consideração as questões estéticas, como problemas de iluminação, foco, borrões ou qualquer outra questão que fique aparente na foto, deixando ela imprópria para a edição.

A regra dos terços foram utilizadas nas imagens como forma de torna-las mais atraentes. Os assuntos importantes da fotografia, foram colocados nos pontos de interseção que é distribuídos em 9 partes em uma grade 3x3 dividindo-as em partes iguais como iremos observar nas análises das imagens.

Todos os registros foram feitos em paisagem como objetivo de evidenciar a natureza. A experiência pessoal ao ar livre e a conexão do homem com o meio ambiente, é potencializado com esse tipo de enquadramento.

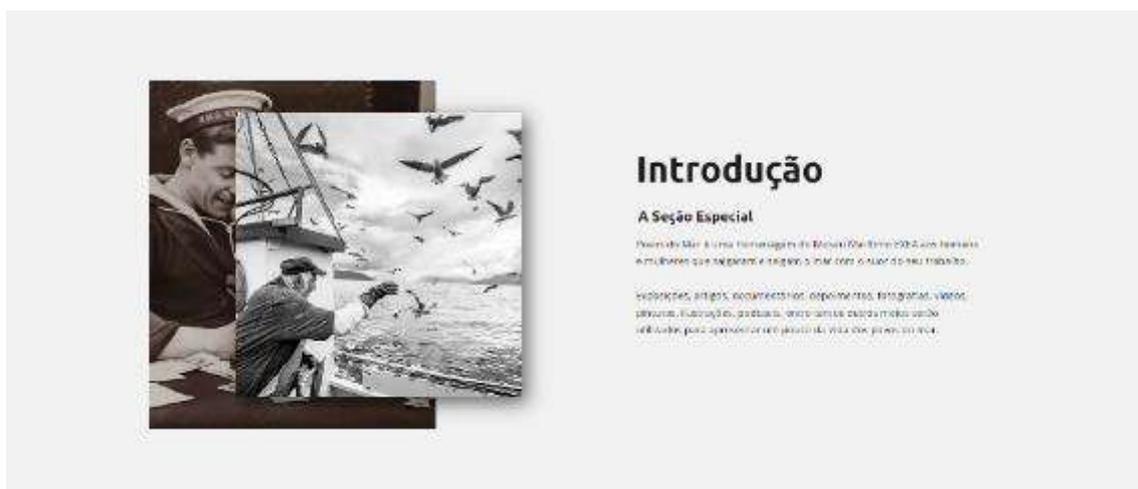
A organização das fotografias na exposição no Museu Marítimo EXEA foi dividida em quatro sessões: Sessão Introdutória, Sessão I - Porto do Capim, Sessão II - Praia da Penha e Sessão III - Praia de Jacarapé. A exposição está dentro da Seção Especial do Museu intitulada "Povos do Mar".

A seção Povos do Mar foi lançada em agosto de 2022 e tem por objetivo homenagear os homens e mulheres que tiraram e tiram seu sustento do mar, rio e mangue. Estão previstas mais de 10 exposições virtuais, além de artigos, documentários, depoimentos em parceria com o Museu da Pessoa, fotografias, vídeos, pinturas, ilustrações, podcasts. De acordo com o Diretor Geral do Museu, Prof. Ticiano Alves, será o maior trabalho já realizado pela instituição e envolverá todos os parceiros e membros associados.

Figura 12: Capa da seção Povos do Mar⁶



Figura 13: Descrição da proposta "Povos do Mar"⁷



⁶ Imagem inédita gentilmente cedida pela instituição.

⁷ Idem.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1. PORTO DO CAPIM

Foi possível perceber nas fotografias, toda a energia que o visual das comunidades ribeirinhas tem pra oferecer. O olhar para esses espaços de sociabilização, abrange diferentes aspectos e narrativas dentro da linguagem da fotografia ambiental. Refletir sobre a realidade dessas regiões a partir das imagens, é recortar outros olhares para expressar e produzir novas figuras que retratam expectativas e posicionamentos distintos do padrão pré-estabelecido.

No que compete às especificidades desse processo criativo fotográfico para a divulgação do cotidiano da comunidade do Porto do Capim, relacionando ao trabalho turístico feito pelos canoeiros, teve como proposta gráfica evidenciar a paleta de cores de um dia nublado, potencializando a diversidade de tons das canoas. As fotografias em questão que veremos em seguida, faz parte de um conjunto de imagens que foram registradas em um passeio guiado no dia 02 de Julho de 2022 pelas margens do Rio Sanhauá, com saída do trapiche da comunidade do Porto do Capim e realizada com dois pescadores da região.

O procedimento é feito em constante diálogo com membros da comunidade para potencializar características marcantes por meio da fotografia e evidenciar os trabalhos realizados na localidade. O recorte fotográfico e a paleta de cores foram previamente analisadas e tratadas posteriormente por meio do Photoshop para divulgação.

A máquina fotográfica utilizada para fazer os registros das imagens foi uma Canon T5 com lente 18-55.

Figura 14: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 15: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 16: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim



Foto: Felipe Coutinho, 2022

As imagens registradas da comunidade Porto do Capim foram feitas em paisagem para evidenciar os ambientes naturais que tangem o rio Sanhauá. As canoas coloridas, contrastando com o verde da vegetação que é a cor mais predominante. As canoas e os pescadores sempre utilizados no primeiro plano e centralizados na fotografia na imagem 2 e 3. A composição visual tem o intuito de trazer harmonia com a paisagem como um todo. Os registros foram realizados entre as 9h e 11h da manhã de um dia nublado e chuvoso, que impactou na iluminação mais escura na vegetação do mangue. Foi utilizado nas 3 imagens o ângulo normal, ou seja, câmera posicionada no mesmo nível do motivo.

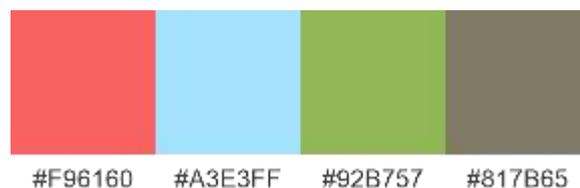
Figura 17: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim – Espiral de Fibonacci.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Com o objetivo de causar um efeito melhor na foto e aperfeiçoar o enquadramento, isso se deu através da visualização mental da imagem dividida em três terços verticais e três horizontais, como podemos observar na imagem acima. Na regra dos terços os pontos são formados nas intercessões das linhas, que conhecemos como pontos de ouro. Sendo assim, ao invés de centralizar o assunto, ele será posicionado nestes pontos, o que dará à foto uma composição mais elaborada. O objetivo é conseguir uma maior harmonia entre os elementos da foto.

Paleta de cores predominantes utilizadas na fotografia:



A cor vermelha e azul se destaca na 17. De acordo com HELLER (2013, pg.127) “no acorde cromático do vermelho-azul unem-se as forças do corpo e do espírito”. O impacto visual que essas duas cores primárias provocam em nosso olhar, prova o quanto elas se destacam dentro do círculo cromático.

5.2. PRAIA DA PENHA

As características culturais dos ribeirinhos, incidem em um visual rico de significados, símbolos e cores. Transformando esses elementos em um conjunto de detalhes que criam uma grande identidade. Essa característica visual é muito retratado nas fotografias, os barcos e o mar, por exemplo, que valorizam a estética e a beleza do ambiente, fazem parte do repertório visual que estão presentes na exposição do Museu Marítimo EXEA.

Diante do trabalho realizado na praia da Penha, trouxemos as embarcações que são utilizadas nos passeios turísticos e pescas na região, além de evidenciar o espaço físico de convivência. O registro fotográfico foi realizado no dia 17 de Julho de 2022.

Todo trabalho foi feito em comunicação com a comunidade tradicional da Penha, promovendo a potencialidade turística da mesma através das fotografias. Tratamos as imagens em Photoshop para potencializar o enquadramento e o contraste utilizado nas embarcações com o mar, vegetação e a praia.

A máquina fotográfica utilizada para fazer os registros das imagens foi uma Canon T5 com lente 18-55.

Figura 18: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Figura 19: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Figura 20: - Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022



A regra dos terços utilizada na imagem logo acima, evidencia na imagem central uma mulher, o barco nos dois pontos de interseção se destacando a direita. As fotografias registradas na comunidade da Praia da Penha foram feitas em paisagem para evidenciar o ambiente marítimo. Os barcos em primeiro plano contrastando com o ambiente. A composição visual nas fotos tem como intuito valorizar os barcos. Os registros foram feitos entre as 9 e 10h da manhã de um dia nublado e chuvoso, diminuindo o contraste da paleta de cores utilizada. O ângulo executado foi o normal.

Paleta de cores utilizadas nas fotografias:



5.3. JACARAPÉ

O indivíduo cresce com base nas suas experiências. Essa frase encaixa perfeitamente a cada remada que podemos dá trilha adentro do mangue Jacarapé. O passeio é realizado com caiaques através de trilhas que nos proporcionam o contato direto com a água e a vegetação nativa. A proximidade com a comunidade rente ao mar, traz um olhar rústico do ambiente que o torna esse espaço um local único de convivência. As fotografias foram realizadas no dia 03 de Julho de 2022.

O trabalho foi acompanhado pelo guia local e as imagens registradas serão utilizadas para divulgar as rotas realizadas na região e fortalecer a comunidade que reside há décadas em Jacarapé. As fotos foram tratadas em Photoshop, evidenciando o contraste dos caiaques com o mangue.

A máquina fotográfica utilizada para fazer os registros das imagens foi uma Canon T5 com lente 18-55.

Figura 21: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Figura 22: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Figura 23: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.

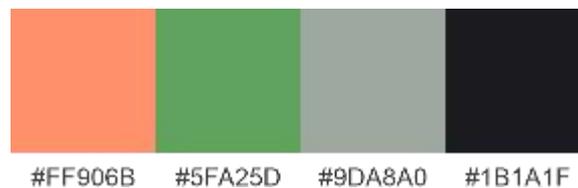


Figura 24: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



As fotografias registradas no mangue de Jacarapé foram feitas em paisagem para ampliar os detalhes da vegetação nativa. As cores dos caiaques e as sinalizações do ambiente do embarque e desembarque do passeio, trazem um contraste com o mangue que enriquece o registro. As fotografias foram feitas em ângulo normal entre as 10 e 11h da manhã de um dia chuvoso. Utilizei a regra do terço na primeira e segunda foto posicionando a imagem principal na parte inferior à esquerda, para descolar o olhar do observador para todo o contexto da foto. Já na terceira imagem, o foco está na parte central da imagem.

Paleta de cores predominantes utilizadas nas fotografias:



Na figura 24, a cor em maior destaque é o laranja do caiaque. Como explicita HELLER (2013, pg.423) “cor da diversão, da sociabilidade e do lúdico, esse é o

lado mais forte do laranja”. Com isso, mostra sua força diante da paisagem do mangue.

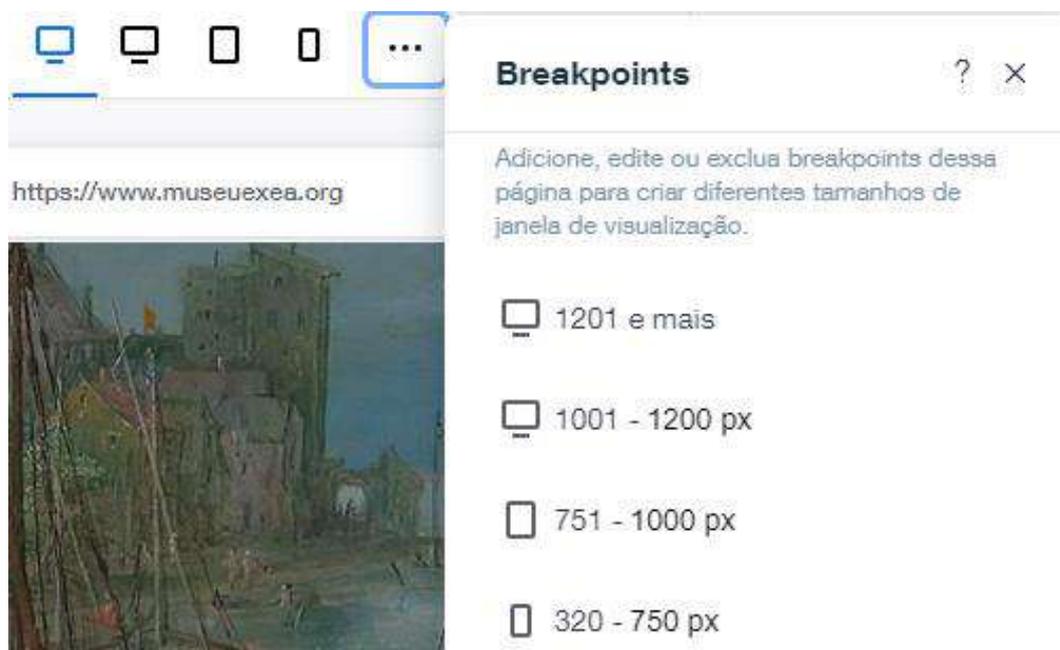
5.4. A EXPOSIÇÃO

Como descrito na metodologia, a exposição construída foi dividida em quatro sessões, sendo: Sessão Introdutória, que trará o contexto do trabalho; Sessão I – Porto do Capim, que traz tanto as fotografias curadas, como a descrição das principais atividades realizadas por aquela comunidade; Sessão II – Praia da Penha, idem Porto do Capim; e Sessão III – Jacarapé, idem Porto do Capim.

Para seguir um padrão estético, o Museu emprega uma diagramação que se assemelha às exposições lançadas pelo mesmo na plataforma do Google Arts & Culture. Dentro desse padrão da plataforma de Museus do Google, os textos com imagem respeitam um volume de no máximo 290 caracteres e sem imagens, de no máximo 580.

Ao longo da construção da exposição, ela foi testada em diversos tamanhos de displays (monitor, tablet e smartphone, são os principais), observando a adaptação dos elementos aos mesmos. O uso de breakpoints permite ajustar vários elementos em um display específico sem que isso provoque alterações nos demais. Para melhor visualização das fotografias, fora disponibilizado o recurso de ampliação das mesmas, permitindo a sua visualização em tela cheia.

Figura 25: Print da configuração dos breakpoints



A exposição poderá ser visitada através do link abaixo:

- <https://www.museuexea.org/comunidades-tradicionais-e-ribeirinhas>

Figura 27: Parte da Sessão I da Exposição.

MUSEU EXA

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

Comunidades tradicionais e ribeirinhas em João Pessoa

Por Felipe Coimbra | Sessão - Ponta da Galinha



Sobre

As comunidades tradicionais e ribeirinhas em João Pessoa têm a particularidade de serem locais onde se encontram a natureza e a cultura. Elas são parte integrante do patrimônio cultural da cidade e representam um modo de vida que se desenvolveu ao longo do tempo, adaptando-se às condições locais. Essas comunidades são fundamentais para a preservação do meio ambiente e a manutenção da identidade cultural da cidade.



A comunidade ribeirinha de João Pessoa é formada por famílias que vivem ao longo das margens do rio Paraíba. Elas mantêm tradições e costumes que remontam a séculos, sendo parte essencial da história e da cultura da cidade.



Essas comunidades são fundamentais para a preservação do meio ambiente e a manutenção da identidade cultural da cidade. Elas representam um modo de vida que se desenvolveu ao longo do tempo, adaptando-se às condições locais.

Figura 28: Parte da Sessão II da Exposição.

MUSEUEXA

EXPOSIÇÃO ÚNICA

Comunidades tradicionais e ribeirinhas em João Pessoa

Por Fábio Coutinho | 18 de Maio de 2014



Sobre

Um grupo de pescadores tradicionais, conhecidos como os pescadores de João Pessoa, vivem em uma comunidade tradicional no bairro de São José, em João Pessoa. Eles vivem em casas simples, muitas vezes construídas com madeira e telha, e trabalham com a pesca artesanal. A comunidade é conhecida por suas tradições e pela produção de artesanato em madeira.

Um grupo de pescadores tradicionais, conhecidos como os pescadores de João Pessoa, vivem em uma comunidade tradicional no bairro de São José, em João Pessoa. Eles vivem em casas simples, muitas vezes construídas com madeira e telha, e trabalham com a pesca artesanal. A comunidade é conhecida por suas tradições e pela produção de artesanato em madeira.



Um grupo de pescadores tradicionais, conhecidos como os pescadores de João Pessoa, vivem em uma comunidade tradicional no bairro de São José, em João Pessoa. Eles vivem em casas simples, muitas vezes construídas com madeira e telha, e trabalham com a pesca artesanal. A comunidade é conhecida por suas tradições e pela produção de artesanato em madeira.



Um grupo de pescadores tradicionais, conhecidos como os pescadores de João Pessoa, vivem em uma comunidade tradicional no bairro de São José, em João Pessoa. Eles vivem em casas simples, muitas vezes construídas com madeira e telha, e trabalham com a pesca artesanal. A comunidade é conhecida por suas tradições e pela produção de artesanato em madeira.

Figura 29: Parte da Sessão III da Exposição

MUSEUEXA

EXPOSIÇÃO Virtual

Comunidades tradicionais e ribeirinhas em João Pessoa

Por Fábio Coutinho sessão 03 | prateado



Sobre

Localizada no centro sul do município de João Pessoa, a Ilha Curatelo é uma das áreas de maior diversidade biológica e paisagística do município. Possui um dos melhores pontos de vista para apreciar o mar e a paisagem urbana de João Pessoa, além de oferecer um espaço ideal para a prática de esportes náuticos, como o canoagem e o kitesurf. A ilha é acessível por um pequeno píer de madeira que fica no centro de um sistema de canais.



Os canais distribuídos ao longo do píer permitem a circulação de pessoas e veículos, facilitando o acesso à ilha e possibilitando a realização de atividades recreativas e culturais, além de oferecer um espaço ideal para a prática de esportes náuticos.



Na ilha, há um espaço para a prática de esportes náuticos, como o canoagem e o kitesurf. Além disso, há um espaço para a prática de esportes náuticos, como o canoagem e o kitesurf.

Figura 30: Tela cheia para visualização de cada fotografia.

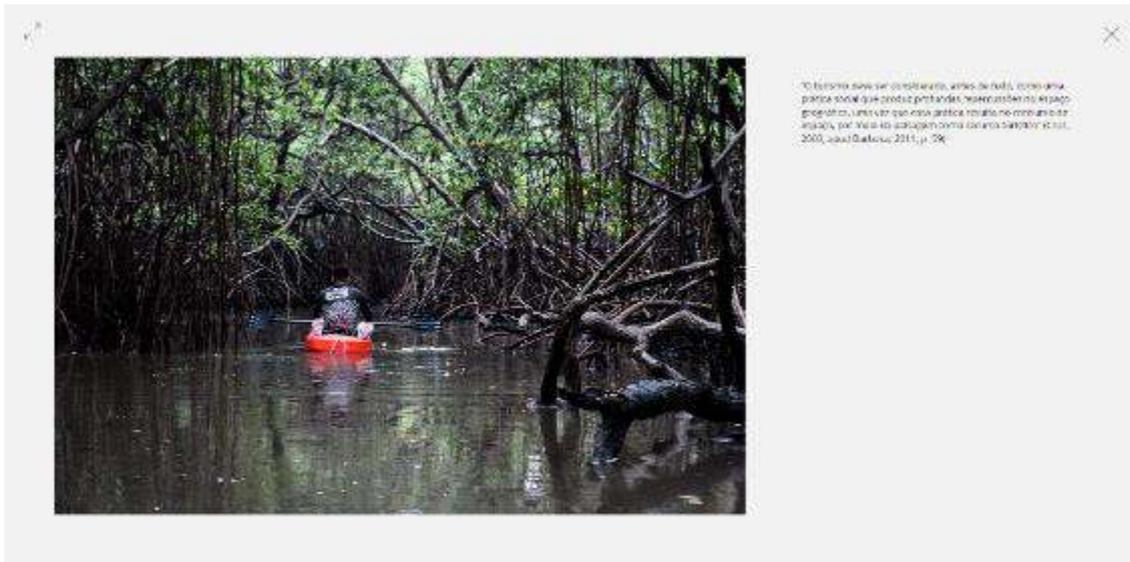


Figura 31: Menu visual para facilitar a navegação.



Figura 32: Exemplo de imagem intercalada com texto de no máximo 290 caracteres sem contar os espaços.



Figura 33: Exemplo de adequação dos elementos ao display Mobile.



6. CONCLUSÃO

Sendo de grande importância o uso de atributos visuais que a fotografia ambiental, junto com o design social trouxe e ainda pode trazer de visibilidade para as comunidades ribeirinhas abordadas, os registros fotográficos colaboram nesse processo contínuo que tem como objetivo de ser permanente com o projeto da Apuama e a exposição no museu EXEA.

Trabalhar a análise das fotografias registradas em momentos de convívio nas comunidades e podendo contribuir com a divulgação das rotas turísticas produzidas pelas mesmas, buscando compreender a diversidade cultural com suas práticas e costumes que diretamente constrói o seu território, se faz necessário nesse momento histórico onde o meio ambiente e as comunidades se encontram em constantes ameaças.

As contribuições para a área do design gráfico foram as provocações sociais que abordamos, na busca por compreender e retratar determinada realidade, transformando fotografia ambiental em uma potencial ferramenta de incentivo à transformação.

As dificuldades encontradas no trabalho foi em conseguir dias de sol para realizar os passeios no meio do ano em João pessoa, onde o período de chuva é intenso. O tempo para fazer os registros fotográficos com fotos inéditas estavam limitados, devido o prazo para a defesa do TCC, resolvi fotografar as comunidades em dias nublados, o que também teve o seu lado positivo de conseguir um contraste melhor nas fotos do mangue.

Com esse intuito, ações como o projeto da Apuama e o Museu Marítimo EXEA, tende a ajudar na visibilidade dessas comunidades. Colaborar com a auto-estima dessas populações ao se verem retratadas nas redes sociais, sites e em projetos que estão sendo desenvolvidos, fomentando as ações que cada um desenvolve nas suas regiões.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vera Lúcia. **As Transformações na Paisagem do Porto do Capim: leituras de uma paisagem urbana**. 2006. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciência Humanas) – Programa de Pós-graduação em Geografia do CCEN-UEPB. João Pessoa, 2006.

BARBOSA, Adauto Gomes. **Turismo e Produção do Espaço Litorâneo: Modernização e Contradições Socioespaciais em João Pessoa – PB**. In: Cadernos do Logepa, v. 6, n. 1, p. 1- 24, jan./jun. 2011. P. 58-75.

BJÖVINSSON, Erling, EHN, Pelle; HILLGREN, Per-Anders. **Design Things and Design Thinking: Contemporary Participatory Design Challenges**. Massachusetts Institute of Technology Design Issues, v. 28, n. 3, 2012. p. 101–116. Disponível em: . Acesso em: 10 fev. 2023.

BITTENCOURT, Luciana. **A fotografia como instrumento etnográfico**. Anuário Antropológico/92. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

COUTINHO, Marco Antônio Farias. **Evolução Urbana e Qualidade de Vida: o caso da Avenida Epitácio Pessoa**. 2004. 220f. Dissertação (Mestrado em Ciência Humanas) – Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento em Meio Ambiente da Paraíba. João Pessoa, 2004.

ECKERT, Natali Oliveira Santos. VICTOR, Nielle Cinthia S. Trindade. COELHO, Andressa Sales. **Fotografia como Ferramenta Para a Percepção Ambiental de Alunos do Ensino Fundamental no Pontal do Peba, Alagoas**. 13p. 2016.

FABRINO, Nathália Hallack. **Turismo de Base Comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. – Brasília, 2013.

FREITAS, J. R. S.R; MAIA, K.M.P. **Um estudo da Percepção Ambiental entre alunos do Ensino de Jovens e Adultos e 1º ano do ensino médio da fundação de ensino de Contagem (FUNEC)- MG**. Sinapse Ambiental, dez. 2009.

NEVES, Flávia. **Contestação Gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico**. In: BRAGA, Marcos da Costa. **O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional**. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2011. 185 p.

FILHO, José Camilo dos Santos. **Pesquisa Quantitativa Versus Pesquisa Qualitativa: O Desafio Paradigmático**. 1995.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) Espaço e Cultura: Pluralidade Temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2006. Disponível em: . Acesso em: 10 fev. 2023.

IBAMA. **Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil – 1999**. Centro de Pesquisas e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste. Tamandaré – PE. 150 p. 2000.

MOREIRA JÚNIOR, Lenes Donizete. **Fotorrealismo: a fotografia como um instrumento de crítica social e transformação da realidade na obra de Steven Meisel**. Universidade Estadual Paulista (UNESP), p15, 2002.

MUSEU EXEA. O Museu. Disponível em: <https://www.museuexea.org/o-museu>. Acesso em 13 de Jul. 2022.

OLIVEIRA, M. V. M.; CURTIS, M. C. G. **Por um design mais social: conceitos introdutórios**. Revista D.: Design, Educação, Sociedade e Sustentabilidade, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 20- 36, 2018.

PAZMINO, Ana V. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável**. 1º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável, Curitiba, 2007. Disponível em:<<http://bit.ly/2k8SohK>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

REDIG, Joaquim. Design: responsabilidade social no horário do expediente. In: BRAGA, Marcos da Costa. **O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional**. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2011. 185 p.

SHEA, Andrew. **Design for Social Change: Strategies for Community-Based Graphic Design**. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2012. 168 p.

SILVA, L. J. C. **Estudo da percepção ambiental dos alunos do Ensino Médio no colégio Estadual Manoel de Jesus em Simões Filho**, BA. 2013. 66 f. (Monografia de Especialização em Gestão Ambiental em Municípios) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

SILVA, Akene Shionara Cardoso da. **Análise visual das transformações na paisagem do Porto do Capim ao longo do século XX e início do século XXI: uma proposta metodológica para o uso de imagens**. João Pessoa, 2014. 78 p. Monografia de Graduação – Centro de Ciências Exatas e da Natureza – Universidade Federal da Paraíba.

SUDEMA - Superintendência de Administração do Meio Ambiente. **Programa de gerenciamento costeiro da Paraíba: Plano de gestão integrada da zona**

costeira litoral Sul do estado da Paraíba. João Pessoa. Coordenador Boisbaudran de Oliveira Imperiano. pp. 38, 1996.

TEIXEIRA, Catarina. **Percepção Ambiental como Instrumento da Educação Ambiental Formal.** III CONEDU – Congresso Nacional de Educação. 6p. 2016.

SITES

G1 GLOBO. Praias de João Pessoa têm pôr do sol, ilhas e piscinas naturais em rota alternativa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/praias-de-joao-pessoa-tem-rota-alternativa-com-ilhas-piscinas-naturais-e-por-do-sol.ghtml>> Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL DE FATO. Orgs. Ambientais publicam Carta Aberta em oposição ao Polo Turístico Cabo Branco. Disponível em: <<https://www.brasildefatopb.com.br/2021/04/28/orgs-ambientais-publicam-carta-aberta-em-oposicao-ao-polo-turistico-cabo-branco>> Acesso em: 14 Jul. 2022.

G1 GLOBO. População de João Pessoa cresce mais de 250% em quase 50 anos, diz IBGE. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/31/populacao-de-joao-pessoa-cresce-mais-de-250percent-em-quase-50-anos-diz-ibge.ghtml> Acesso em: 05 Dez. 2022.

8. Apêndices I – Porto do Capim

Figura 34: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.

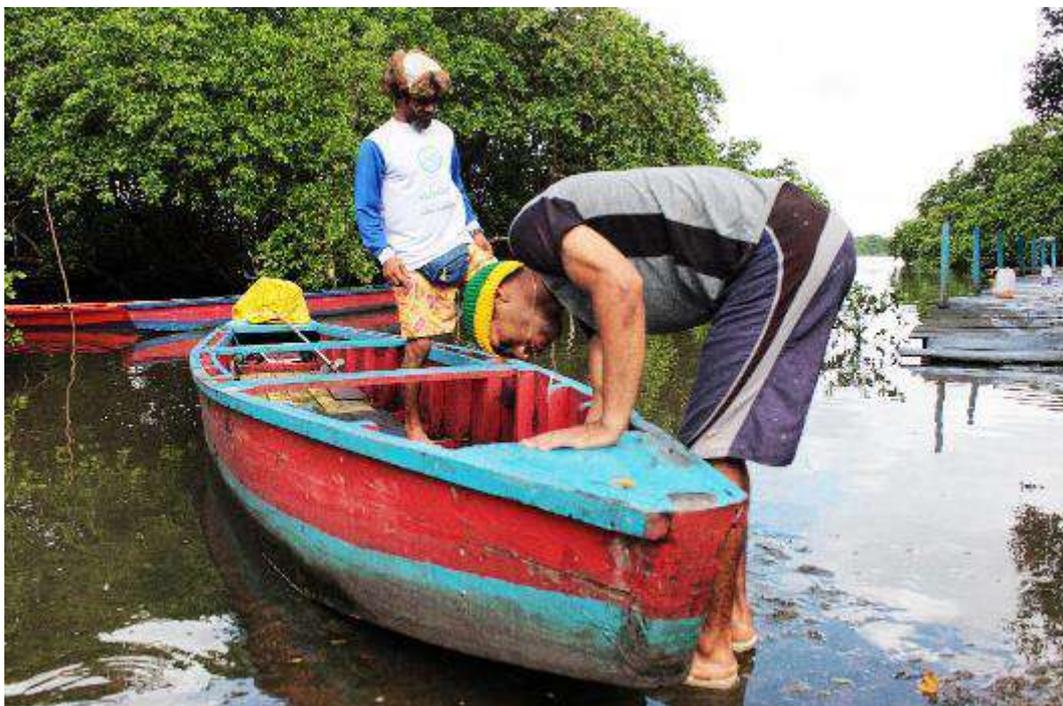


Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 35: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 36: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 37: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 38: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 39: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 40: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 41: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 42: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 43: Rio Sanhauá/Comunidade Porto do Capim.



Foto 46: Felipe Coutinho, 2022

Apêndices II – Penha

Figura 44: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 45: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 46: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022.

Figura 47: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 48: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 49: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 50: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 51: Praia da Penha - Barcos - 17 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Apêndices III – Jacarapé

Figura 52: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 53: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 54: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022.

Figura 55: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 56: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 57: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 58: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 59: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022.

Figura 60: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Figura 61: Mangue Jacarapé - Caiaque - 03 de Julho de 2022.



Foto: Felipe Coutinho, 2022

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Trabalho de Conclusão de Curso

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso
Assinado por: Fabianne Azevedo
Tipo do Documento: Anexo
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Fabianne Azevedo dos Santos, COORDENADOR(A) DE CURSO - FUC1 - CCSDG-CB**, em 24/10/2023 16:11:56.

Este documento foi armazenado no SUAP em 24/10/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 978424
Código de Autenticação: 76bd547e35

